

IMIGRAÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E CERVEJA

O Caso de Pelotas/RS

IMMIGRATION, INDUSTRIALIZATION, AND BEER
The Case of Pelotas

Vitória Silveira da Costa¹ e Maria Lucia Bressan Pinheiro²

Resumo

Este artigo analisa a relação entre industrialização, imigração e a formação do patrimônio cervejeiro no Rio Grande do Sul, com foco especial na cidade de Pelotas. O objetivo é compreender como a chegada de imigrantes, principalmente alemães, influenciou o processo de industrialização regional, notadamente no setor cervejeiro. A metodologia adotada baseou-se em revisão bibliográfica de fontes acadêmicas e documentais. Os resultados evidenciam que a imigração europeia esteve diretamente ligada ao surgimento de núcleos industriais urbanos, especialmente na segunda metade do século XIX. Em Pelotas, fábricas como a Cervejaria Ritter e a Sul-Riograndense marcaram o início da produção cervejeira em escala regional, articulando saberes técnicos trazidos da Europa com os recursos locais. Conclui-se que o parque industrial pelotense se desenvolveu a partir de uma base econômica pré-existente, impulsionada pela imigração e urbanização, consolidando um legado cultural e patrimonial. Palavras-chave: industrialização, imigração, Rio Grande do Sul, indústria cervejeira, urbanização.

Abstract

This article examines the relationship between industrialization, immigration, and the development of brewing heritage in the state of Rio Grande do Sul, with a particular focus on the city of Pelotas. It aims to understand how the arrival of immigrants, especially Germans, influenced regional industrialization, particularly in the brewing sector. The research methodology is based on a bibliographical review of academic and historical sources. The findings indicate that European immigration was closely connected to the emergence of urban industrial centers, especially in the second half of the 19th century. In Pelotas, breweries such as Cervejaria Ritter and Sul-Riograndense played a pioneering role in regional-scale beer production, combining European technical expertise with local resources. The study concludes that the industrial development of Pelotas was driven by a pre-existing economic foundation, strengthened by immigration and urbanization processes, and resulted in a significant cultural and industrial legacy. Keywords: industrialization, immigration, Rio Grande do Sul, brewing

Introdução

O processo de industrialização esteve diretamente ligado com as condições econômicas presentes na Inglaterra do século XVIII. A Revolução Industrial foi impulsionada pelas condições econômicas e sociais e pela produção de bens de consumo fabricados com matéria-prima de baixo custo e, desta maneira, o caráter da produção foi modificado radicalmente. O transporte por meio das vias férreas, a mudança tecnológica, a escassez de mão-de-obra e a perspectiva de expansão do mercado contribuíram para o desenvolvimento desse novo modo de produção (Galvan e Flávio, 2000). Além disso, considera-se o processo de industrialização intimamente ligado ao desenvolvimento do transporte ferroviário. De acordo com Kühl (2018, p. 39) [...] a industrialização em larga escala associa-se diretamente a esse meio de transporte, pois impulsionou as ferrovias e, por sua vez, foi por elas impulsionada.

O patrimônio industrial - em seu sentido mais amplo - relaciona-se com os processos produtivos, os quais após cumprirem seu ciclo de vida acabam por desaparecer. Os indícios materiais e imateriais dessas atividades servem como testemunhos das mudanças culturais que acompanham os modelos produtivos que se sucedem. Em vista disso, a evolução acaba por acelerar a rápida substituição dos processos produtivos e tecnológicos acarretando diversos estabelecimentos e processos industriais substituídos, abandonados ou destruídos. Neste contexto, a iconografia industrial representada pela grande chaminé transforma-se de símbolo de trabalho e produção para um vestígio material de um exemplar já desaparecido do patrimônio industrial. Desta maneira, as sucessivas revoluções tecnológicas e industriais ocorridas desde o século XIX deixaram nas cidades contemporâneas conjuntos de construções herança da industrialização (González, 2019).

No que diz respeito à preservação do patrimônio industrial, o interesse acerca do tema é relativamente recente ao se comparar com outros tipos de manifestação cultural - fato relacionado à ampliação do que é considerado bem cultural. Em 1950 na Inglaterra tem início os debates sobre o tema a despeito das manifestações isoladas e incipientes voltadas ao legado da industrialização desde finais do século XVIII (Kühl, 2018). Embora a preservação de artefatos industriais já ocorresse de forma embrionária, foi apenas em meados do século XX que a arquitetura industrial passou a fazer parte do patrimônio cultural como é reconhecido hoje levando em consideração a arqueologia industrial como campo de estudo (Pauleto, 2021).

É importante destacar que o setor industrial contribui não só para a economia, mas também para as transformações que ocorrem na sociedade, como a urbanização e o desenvolvimento tecnológico. O processo de industrialização brasileiro está estreitamente relacionado com a vinda dos imigrantes para o Brasil, no século XIX, e está diretamente relacionado com a inserção do Brasil na economia mundial. O Brasil configurou-se como um país de imigração, receptor de mão de obra europeia. Este trabalho tem como objetivo apresentar a relação entre industrialização, imigração e a formação do patrimônio cervejeiro no Rio Grande do Sul, com especial atenção à sua manifestação na cidade de Pelotas. Justifica-se a pesquisa pela necessidade de compreender o papel da imigração europeia – especialmente alemã – na configuração da indústria cervejeira gaúcha e seu impacto na paisagem urbana e na memória coletiva. A metodologia baseia-se em revisão bibliográfica e documental.

¹ Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP). Mestre em Arquitetura e Urbanismo (FAUrb/UFPel). Arquiteta e Urbanista (FAUrb/UFPel). E-mail: vitoriascosta@yahoo.com.br

² Professora associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Arquitetura e Urbanismo (USP), Arquiteta e Urbanista (FAUUSP). E-mail: mlbp@usp.br

Industrialização no Rio Grande do Sul

No século XVIII, o Estado do Rio Grande do Sul desempenhava um papel crucial no abastecimento de carne para o mercado nacional, especialmente para as regiões mineradoras de Minas Gerais. Enquanto a primeira indústria nacional foi a produção de açúcar, a primeira indústria gaúcha foi a do charque, envolvendo extensos complexos de estâncias onde eram realizadas atividades como criação e abate de gado, corte e preparo da carne, bem como o tratamento do couro. Essa atividade proporcionou os primeiros impulsos industriais ao estado, desfrutando de grande prestígio ao longo do século XIX e início do XX. O surgimento das charqueadas na região de Pelotas, no final do século XVIII, foi condicionado por essas atividades e pela proximidade do porto (Costa, 2001).

Ao longo do século XIX, além da indústria do charque, tem-se o surgimento de diversas atividades industriais. Entre 1822 e 1841, são registradas: uma fábrica de arreios, um arsenal militar e um laboratório de inflamáveis. No período de 1873 a 1896, na cidade de Rio Grande, destacam-se três grandes empreendimentos: a Companhia União Fabril (1873), considerada a primeira fábrica do estado, a Fábrica de Charutos Poock (1891) e a Companhia Fiação e Tecelagem Rio Grande (1896). É relevante ressaltar que até 1920, a cidade de Rio Grande era um polo industrial mais proeminente que a capital Porto Alegre (Costa, 2001). A industrialização do Rio Grande do Sul, na virada do século XIX para o século XX, ocorreu em dois polos produtores principais, cada um com características distintas. Um desses polos é composto pelas cidades de Rio Grande e Pelotas, enquanto o outro polo engloba os municípios em Porto Alegre, Caxias do Sul e o conglomerado de municípios do Vale do Rio dos Sinos (Aravanis, 2010).

O polo industrial composto pelas cidades de Rio Grande e Pelotas, cidades muito próximas entre si, não era constituído de unidades industriais homogêneas. A cidade de Rio Grande era composta de um modelo hegemônico de indústria caracterizado pelo significativo capital investido e até com a participação de capital estrangeiro. Caracterizava-se por altos índices de emprego de mão de obra e de nível de qualificação tecnológica elevada, bem como pela pouca diversificação de ramos industriais – importante destacar que a pouca diversificação de ramos industriais deve-se principalmente pelo fato de esta industrialização se voltar para o mercado nacional através de poucos produtos e em que sua competitividade já estava estabelecida: a tecelagem, a indústria de fumos (charutos) e alimentícia (compotas e enlatados). Além disso, o modelo industrial minoritário existente em Rio Grande tinha características opostas ao modelo predominante, ou seja, abrangendo estabelecimentos de pequeno porte e com uma produção de cunho artesanal voltada para o abastecimento do mercado local: doces, compotas, calçados, massas etc. No contexto da região de Pelotas, a segunda localidade integrante desse primeiro polo, observava-se uma estrutura de industrialização relativamente mais equilibrada em termos de quantidade entre indústrias de grande porte com tecnologia avançada e pequenas unidades de caráter artesanal. Vale ressaltar que, semelhante aos grandes estabelecimentos em Rio Grande, essas unidades maiores em Pelotas focavam na produção para o mercado nacional, principalmente beneficiando produtos oriundos de outra atividade produtiva vital na região, a pecuária. Por outro lado, as unidades de pequeno porte nessa localidade visavam principalmente o mercado regional, produzindo uma variedade de produtos a partir de matérias-primas diversas, como compotas, licores, charutos, entre outros. Dessa forma, coexistiam nessa região tanto um número expressivo de indústrias de grande porte e tecnologia avançada para a época, voltadas para o mercado nacional e beneficiando produtos pecuários, quanto vários estabelecimentos menores, de caráter artesanal, que produziam para o mercado regional (Aravanis, 2010). Nesse contexto industrial é que se insere a indústria cervejeira pelotense.

O segundo polo industrial do estado, constituído por Porto Alegre, Caxias do Sul e Vale do Rio dos Sinos, apresentava uma certa semelhança com Pelotas no enfoque no caráter artesanal de muitas de suas unidades. Além disso, possuía um núcleo mais numeroso de estabelecimentos, ainda que menores, e uma maior diversificação industrial. Isso se deve ao fato de que essas indústrias inicialmente buscavam atender às diversas necessidades de consumo da população da zona colonial e somente após consolidar sua posição no mercado consumidor regional é que esse polo industrial se lançou em direção ao mercado nacional (Aravanis, 2010).

Contudo, destaca-se que a industrialização no estado Rio Grande do Sul só se tornaria expressiva no Segundo Império, com a colonização da zona alemã e italiana. A partir do processo de imigração a industrialização no estado experimentou um rápido e diversificado crescimento. Do ponto de vista quantitativo esse crescimento é notável: no censo de 1907 o Estado do Rio Grande do Sul possuía 314 estabelecimentos industriais e correspondia a 13,5% do total da produção industrial brasileira, posicionando-se ao lado de São Paulo que detinha 15,9% (Costa, 2001). É importante destacar que o setor o alimentício foi de extrema relevância na industrialização do estado. A produção alimentar pode ser encontrada na região desde o início da colonização, ganhando forças com a economia charqueadora e a formação das colônias de imigrantes italianos e alemães. No Rio Grande do Sul, as indústrias de alimentos eram voltadas, em sua maioria, para abate, conservas, banha, vinho, cervejas, massas e biscoitos. Destaca-se mais especificamente o setor de bebidas, neste período surgiram muitas cervejarias de maior porte utilizando-se de tecnologia moderna. As cervejarias dependiam de insumos importados, como malte e lúpulo, e destinavam seu produto ao mercado local. Os estabelecimentos mais importantes localizavam-se junto aos maiores núcleos urbanos, como Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Região Colonial, sendo Porto Alegre o maior centro produtor e consumidor (Araújo, 2002). De acordo com a pesquisa de Axt e Fabrício (2006), na segunda metade do século XIX o mercado da cerveja era disputado por treze fábricas na cidade de Porto Alegre.

No caso da cidade de Pelotas, as primeiras indústrias emergem no cenário da incipiente industrialização dispersa no Rio Grande do Sul no final do século XIX. A industrialização dispersa é marcada pelo surgimento de complexos industriais sem uma articulação significativa no âmbito nacional, resultando em economias regionais isoladas. Esse fenômeno ocorre devido à ausência de um mercado interno nacional suficientemente robusto e dinâmico para integrar as diversas unidades regionais em torno de interesses econômicos compartilhados. Embora a tradição econômica nas cidades do sul do Rio Grande do Sul estivesse centrada na pecuária e no beneficiamento primitivo de suas matérias-primas, as primeiras indústrias não surgiram como resultado direto da reconversão do capital do campo para o capital industrial. Na realidade, os primeiros empreendimentos industriais em Pelotas e em Rio Grande foram iniciativas privadas de alguns imigrantes, especialmente alemães, que prosperaram com as atividades comerciais desenvolvidas na região (Britto, 2011).

Uma das primeiras indústrias a ser estabelecida na cidade de Pelotas foi a F. C. Lang S.A, fundada por Frederico Carlos Lang, um imigrante alemão nascido em Berschweiler. A indústria Lang especializou-se na produção de velas e sabão, utilizando sebo de origem animal como matéria-prima, dada a abundância desse produto na região. Ao longo das primeiras décadas do século XX, a empresa cresceu e expandiu seu mercado, conquistando vários prêmios em exposições internacionais por seus produtos. Desde então, várias outras indústrias surgiram na cidade. Em 1870, Carlos Ritter fundou a cervejaria Ritter, que em poucos anos experimentou um notável crescimento, expandindo sua capacidade produtiva e transferindo suas instalações para uma área de 3.054 metros quadrados. A cervejaria Ritter distribuiu seus produtos por todo o estado do Rio Grande do Sul e em todos os outros estados da República. A fundação

e o desenvolvimento dessa empresa foram marcos importantes na industrialização de Pelotas, tanto pela escala e importância desse estabelecimento quanto por iniciar um setor crucial na indústria local do ramo de bebidas. Aproveitando o sucesso da Cervejaria Ritter, é inaugurada em 1889 por Leopoldo Haertel a Cervejaria Sul Rio-Grandense. A empresa conquistou amplo reconhecimento, abrangendo uma parte significativa do mercado consumidor do estado e de outras regiões do país, ampliando a importância da indústria de bebidas na região de Pelotas no mercado nacional. Além dessas indústrias, outras desempenharam um papel significativo no processo de industrialização em Pelotas nesse período. No setor têxtil, destacam-se a Fábrica de Chapéus Pelotense e a Companhia Fiação e Tecidos Pelotense (Britto, 2011).

Imigração e Industrialização Cervejeira

O processo de industrialização brasileiro está estreitamente relacionado à vinda dos imigrantes estrangeiros para o Brasil no século XIX. Este movimento se insere no amplo processo de expansão mundial do capitalismo que por sua vez é uma consequência da Revolução Industrial. Os problemas característicos do surgimento da industrialização na Europa, como a expulsão do camponês da terra, destruição das pequenas produções artesanais, geração de mão de obra excedente e sua incapacidade de ser absorvida pela indústria, são vivenciadas pela Alemanha e Itália tardiamente, por serem os países europeus que se unificaram e industrializaram posteriormente aos outros. Esses problemas geraram grande tensão social e para os respectivos governos tornou-se interessante o envio desse excedente populacional para o exterior, minimizando os conflitos internos (Rückert, 2013).

A vinda dos imigrantes alemães para o Brasil foi ocasionada por vários fatores, entre eles: a crise econômica europeia durante o século XIX, a diminuição do tráfico de escravizados e a Abolição da Escravatura em 1888. A história da imigração no Brasil pode ser dividida em três grandes períodos: o 1º que data de 1808 a 1850; o 2º período ocorreu de 1850 a 1888. A imigração começou a crescer neste período 2º período, principalmente nas áreas associadas a áreas agrícolas. Por fim, o 3º período de 1888 até 1959, após o fim do processo de escravização, notou-se a ampliação da imigração. Com a vinda da família real para o Brasil, o país ascende de colônia lusitana à condição de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, acarretando a abertura dos portos às nações amigas e à imigração europeia para o Brasil (Dolhnikoff, 2017). Destaca-se como um ponto nerval de declínio da imigração o ano de 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial (Diégues Júnior, 1964).

A imigração no Brasil serviu a dois propósitos diferenciados: “[...] o primeiro, de iniciativa particular, estimulado pelo Governo, visava prover de braços o trabalho agrícola ameaçado pela diminuição de mão-de-obra escrava [...]” e um segundo propósito “[...] de iniciativa oficial, buscava, através da formação de colônias de imigrantes estabelecidos em pequenas propriedades, o incremento da produção de gêneros agrícolas para o consumo interno, o preenchimento dos vazios demográficos estratégicos e a formação da futura classe operária” (Anjos, 2000, p. 63). É importante salientar que no Estado do Rio Grande do Sul o fluxo migratório esteve relacionado de maneira hegemônica ao segundo propósito destacado pelo autor Anjos (2000), ou seja, com o propósito de “colonização” das terras rio-grandenses.

Dentro da política global de imigração no Brasil, surgiu uma política de colonização a partir da formação de núcleos de produção agrícola que, em regime de pequena propriedade, contribuísssem para a diversificação da estrutura produtiva brasileira e para o abastecimento do mercado interno (Pesavento, 1985). O regime de pequenas propriedades caracterizou-se inicialmente pela formação de núcleos/colônias de

imigrantes. Esses núcleos deram origem a agrupamentos ou povoados, cujas atividades foram diversificando-se com o correr dos anos e deram origem a vilas e cidades. Esses agrupamentos apresentaram também um desenvolvimento industrial originado do trabalho artesanal, implantado pelos imigrantes com os artesãos e artificies que vieram com as correntes migratórias (Diégues Júnior, 1964). É importante destacar que grandes estabelecimentos industriais de hoje surgiram desses pequenos artesanatos das colônias. Foi a partir de núcleos coloniais e do desenvolvimento industrial de algumas regiões que surgiram prósperas cidades Rio Grande do Sul.

A formação dos núcleos coloniais inicialmente se restringiu a áreas rurais, e desses polos emergiram cidades hoje prósperas. Além disso, cabe destacar o papel fundamental destes núcleos no desenvolvimento da urbanização e no incremento da industrialização. No primeiro período da imigração no Brasil (1808 a 1850) verificam-se as primeiras experiências para o estabelecimento de núcleos coloniais formados com imigrantes estrangeiros: data de 1818 a primeira tentativa oficial de colonização estrangeira com a fundação da colônia de Nova Friburgo, por meio da introdução de dois mil suíços na fazenda do Morro Queimado, no Distrito de Cantagalo. O Império com o objetivo de facilitar o estabelecimento dos imigrantes concedeu diversos favores e, dentre as atribuições dos imigrantes estavam: abater árvores, preparar os terrenos e cultivar a terra (Diégues Júnior, 1964).

Após a fundação de Nova Friburgo tem-se a tentativa de uma segunda colônia de imigrantes no Brasil, que viria a prosperar de maneira mais vigorosa que a primeira. Em 1824 foram encaminhados imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul com o objetivo de criar a colônia de São Leopoldo. Os imigrantes receberam a concessão de terras na antiga Fazenda Imperial do Linho Cânhamo, bem como facilidades financeiras: auxílios oficiais, ajuda material, etc. A colônia cresceu demograficamente em breve prazo, pois, em 1830, contava com 4.856 habitantes, quando se iniciara seis anos antes, com apenas 126. Com o progresso obtido na colônia de São Leopoldo, imigrantes partem de lá com o intuito de fundar novas colônias na Província do Rio Grande do Sul (Diégues Júnior, 1964). Além dos núcleos coloniais contribuírem para a diminuição da importação de alimento, tornavam-se importante para a continuidade do fluxo migratório para o país demonstrando o sucesso dos pequenos proprietários imigrantes organizados em núcleos coloniais. No caso específico do Rio Grande do Sul, é importante destacar o fato de que os colonos seriam localizados em terras até então virgens e não aproveitadas pela pecuária extensiva o que acarretou o povoamento das regiões e na criação de estradas o que facilitaria a comunicação entre as colônias (Pesavento, 1985). Os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram os que mais se beneficiaram com a imigração: verificou-se no período de 1872 a 1950 um aumento relativo da população de 966% (Diégues Júnior, 1964).

No contexto da formação social e econômica do Rio Grande do Sul, a chegada dos primeiros imigrantes alemães ocorreu em 25 de julho de 1824, estabelecendo-se na então recém-criada Colônia de São Leopoldo. A vinda desses imigrantes ao sul do Brasil representou um marco significativo na estrutura agrária regional, ao introduzirem o modelo de pequena propriedade familiar. No ambiente urbano, sua inserção profissional como artesãos possibilitou o desenvolvimento de setores industriais fundamentais, como a metalurgia e a indústria coureiro-calçadista, entre outros, configurando uma importante contribuição para o processo de diversificação e modernização da economia regional (Grützmann, Dreher e Feldens, 2008).

Considerando que os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Rio Grande do Sul a partir de 1824, eles começaram a se dedicar à agricultura de subsistência em pequenos lotes de terra, utilizando mão de obra familiar. Após suprir as necessidades do núcleo colonial, a agricultura dos imigrantes alcançou a capacidade de produzir um excedente

que poderia ser comercializado. Esse excedente passou a ser vendido no mercado regional e, posteriormente, em nível nacional, por volta de 1870. Paralelamente ao trato de terra ou constituindo-se em atividade separada, surgiu o artesanato nos núcleos coloniais. A economia colonial imigrante foi responsável por impulsionar as chamadas agroindústrias (vinho, banha, cerveja, farinha, fumo), que acabaram por definir o perfil industrial do Rio Grande do Sul. As unidades de produção artesanais, disseminadas por toda a colônia, apresentaram alta diversificação, como: objetos de selaria, tecidos, azeite, licores, farinha, banha, vinhos, chapéus de palha, ferramentas para lavoura, cervejas, cigarros e charutos, tijolos, sapatos, panelas, rodas de carroças, etc. Esta economia regional imigrante propiciou a existência de atividades produtoras não capitalistas – a agricultura colonial e o artesanato doméstico – que proporcionaram ao comerciante uma acumulação de capital que foi básica para o surgimento da indústria. Os exemplos de indústrias originadas deste circuito são de grande relevância, tendo muitas delas evoluído a ponto de tornarem-se alguns dos maiores grupos empresariais do estado como: Renner, Trein, Ritter, Mentz, Oderich com destaque na produção de tecidos, banha, cerveja e produtos suínos, grupo ligados entre si por laços de parentesco e negócios (Pesavento, 1895). Destaca-se a importância da imigração alemã para o Brasil em virtude dos primeiros 31 anos de processos migratórios (1819 a 1850) em que este foi o grupo de maior expressão. Saliencia-se que os alemães se localizaram principalmente no extremo-sul: Rio Grande do Sul. Portanto, o elemento estrangeiro representou o fator que contribuiu para o povoamento de áreas desocupadas.

Conforme Grützmann, Dreher e Feldens (2008), os imigrantes alemães exerceram expressiva atuação no setor comercial e em diversas outras atividades urbanas, abrangendo desde o ensino da língua alemã até o jornalismo, passando pelos ofícios em óticas, farmácias, hotelaria e pela produção de bens industriais como fumo, cerveja, velas, sabão e sabonetes. A inserção desses imigrantes no contexto brasileiro implicou, de um lado, um processo de adaptação às novas condições geográficas e socioculturais, que exigiu adequações nos hábitos alimentares, nas formas de habitação, nas vestimentas e no uso da língua. Por outro lado, sua presença também resultou em significativa influência sobre a cultura local. Através de seus costumes, crenças, culinária, cantigas e danças, os imigrantes alemães contribuíram para a conformação de uma identidade cultural singular no Rio Grande do Sul, cuja herança se mantém incorporada ao cotidiano da sociedade gaúcha contemporânea.

Com a chegada dos imigrantes aos centros urbanos do Sudeste e o deslocamento destes para as áreas de colônias na região Sul, iniciam-se novas relações produtivas em vista do conhecimento dos imigrantes nos processos industriais existentes na Europa. Na metade sul do Rio Grande do Sul, imigrantes alemães foram assentados a partir da metade do século XIX em sítios destinados à colonização agrícola. Alguns destes imigrantes e seus descendentes transferiram-se para as zonas urbanas, onde exerceram diferentes atividades ligadas ao comércio ou à indústria. Com relação à produção cervejira, algumas empresas familiares vão surgir nos centros e nas regiões periféricas (Moraes e Santos, 2013; Duarte, Lourenço e Fontana, 2020).

No limiar do século XX, a chegada de um viajante europeu ao porto de Rio Grande — último ponto de escala em território brasileiro antes de seguir viagem rumo a Montevideu ou Buenos Aires — deparava-se com uma paisagem marcada pela intensa presença de conterrâneos oriundos de distintos países europeus. Imigrantes alemães, italianos, ingleses, espanhóis, poloneses e portugueses fixavam residência na região e buscavam inserção no mercado de trabalho, especialmente nas casas comerciais e nas fábricas recém-inauguradas. O Brasil atravessava, naquele momento, um processo de profundas transformações estruturais, caracterizado pela transição do trabalho escravizado para o trabalho assalariado no meio rural; pela substituição dos bondes puxados por tração animal pelos veículos elétricos nas áreas urbanas. Essa conjuntura

refletia a passagem de uma sociedade agrária e tradicional para uma sociedade urbana e moderna, paralela à mudança do regime político, com a transição do Império para a República. Nesse contexto, emergia uma nova classe de empresários industriais que passava a disputar espaço político com os tradicionais grupos de poder, como os barões do café da região Sudeste e os grandes estancieiros e charqueadores do Sul. A instabilidade política e econômica então vigente contrastava com o surgimento de novos hábitos e visões de mundo, fortemente influenciados pelos ideais da Belle Époque (Ferraretto, 2017).

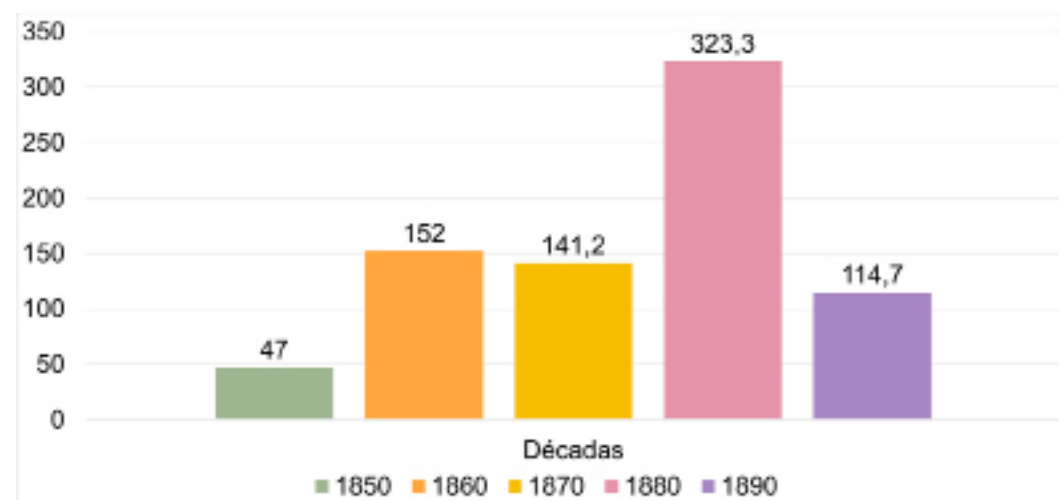
No caso da cidade de cidade de Pelotas consolidou-se, na segunda metade do século XIX, como um importante polo de atração para migrações internas e internacionais. Tal condição deve-se, em parte, à sua posição estratégica como centro regional e à proximidade com a fronteira uruguaia, bem como à existência de um porto que facilitava a circulação de pessoas e mercadorias. Contudo, é no dinamismo da economia local e nas perspectivas de desenvolvimento urbano que se encontram os principais fatores impulsionadores dos fluxos migratórios para o município durante esse período (Soares, 2001).

Na região sul do Rio Grande do Sul, a colonização de imigrantes alemães consolidou-se com o assentamento na Colônia de São Lourenço, oficialmente fundada em 18 de janeiro de 1858, na Serra dos Tapes. Esse empreendimento foi de iniciativa privada, liderado por Jacob Rheingantz (1813 - 1877), e, após seu falecimento, seus herdeiros deram continuidade à expansão colonizadora com a fundação da Colônia Arroio Grande, em 1881, e da Colônia Progresso, em 1891. Paralelamente às colônias promovidas por Rheingantz, outras iniciativas privadas foram implementadas na região serrana de Pelotas, conduzidas por estancieiros, charqueadores e comerciantes locais, motivados pelas perspectivas de rentabilidade oferecidas pela ocupação e exploração econômica. Entre os empreendimentos de destaque nesse contexto, sobressai a empresa Carlos Ritter & Irmão, cuja atuação no ramo cervejeiro é objeto do presente estudo. Em 1900, a firma fundou três colônias: Santa Rita, Visconde da Graça e Colônia Ritter, evidenciando seu protagonismo na articulação entre atividade industrial e expansão territorial. A partir da segunda metade do século XIX, a presença teuta em Pelotas ultrapassou os limites da agricultura, estendendo-se ao espaço urbano por meio da instalação de estabelecimentos fabris. Além da cervejaria Ritter, destacam-se a Fábrica F. C. Lang e a Cervejaria Sul-Rio-Grandense, que desempenharam papel expressivo no dinamismo econômico local, contribuindo significativamente para a industrialização pelotense (Moraes e Santos, 2013).

É relevante destacar que uma parcela significativa dos empreendimentos industriais e comerciais não vinculados diretamente ao circuito charqueador estava sob responsabilidade de imigrantes ou descendentes de italianos e alemães. Os italianos, em especial, destacavam-se em atividades ligadas aos serviços, notadamente nos setores de hotelaria, chapelaria e alfaiataria. Os imigrantes alemães, por sua vez, exerciam papel expressivo no campo industrial, como evidencia a atuação em estabelecimentos como a Cervejaria Ritter, fundada em 1876, e a Cervejaria Rio-Grandense, estabelecida em 1888 sob a direção da família Haertel. Merece menção ainda a Fábrica Lang, voltada à produção de sabão, velas e cola. No âmbito da educação, bem como nos campos da fotografia, ótica e farmácia, observa-se a significativa presença de imigrantes franceses, os quais também contribuíram para a diversificação e o desenvolvimento das atividades urbanas locais (Rubira, 2012).

Para compreender a diversidade étnica presente na região de Pelotas, torna-se fundamental a análise dos fluxos migratórios que ali ocorreram. A pesquisa intitulada “A Colonização ocorrida na área Rural de Pelotas na 2ª metade do Século XIX”, desenvolvida por Fetter (2002), subsidiou a elaboração de gráficos por Betemps e Vieira

Figura 1 – Média do número de imigrantes entrados em cada ano, por década. Fonte: Autora (2025) adaptado Betemps e Vieira (2008).



(2008), os quais apresentam a média anual de entrada de imigrantes, agrupada por década (Figura 1). Os estudos evidenciam que as fontes do Arquivo Público abrangem um intervalo temporal restrito e marcado por lacunas significativas. Lamentavelmente, o período compreendido entre 1873 e 1887 — fase em que foram criados a maioria dos núcleos agrícolas no município e que, possivelmente, corresponde ao auge da chegada de imigrantes — não teve seus registros preservados. Porém através da Figura 1 nota-se o elevado número de imigrantes entrados na década de 1880. Desde a fundação da Freguesia de São Francisco de Paula, em 1812, há indícios da presença de estrangeiros na localidade. No entanto, é com a elevação de Pelotas à categoria de cidade (1835) e com o término da Revolução Farroupilha (1845), que a prosperidade e as inovações proporcionadas pela economia do charque passaram a exercer maior atratividade sobre os imigrantes. Esse movimento migratório foi intensificado pela implementação de políticas de colonização promovidas pelo Estado (Fig. 1).

Por meio da Figura 2, observa-se que a composição étnica dos imigrantes estabelecidos em Pelotas e na região sul do Rio Grande do Sul reflete, em menor escala, as tendências migratórias registradas no estado como um todo. Entre os anos de 1857 e 1895, os imigrantes de origem germânica apresentaram predominância numérica no município, seguidos pelos grupos de origem latina. O contingente germânico foi composto majoritariamente por prussianos (1.648), enquanto o grupo latino incluía italianos (731), portugueses (671), espanhóis (217) e franceses (75). Já o grupo nórdico, de menor expressividade estatística, compreendia holandeses (14), suíços (8), belgas (7), dinamarqueses (7), suecos (6), austríacos (5), poloneses (5) e húngaros (2). Além desses, registram-se também a presença de 4 uruguaios, 2 norte-americanos, 1 chinês, 1 mexicano e 1 indivíduo cuja nacionalidade ou origem étnica não foi identificada. Ressalte-se que, do ponto de vista cronológico, os portugueses constituíram o primeiro grupo europeu a se estabelecer na região de Pelotas, sendo que alguns de seus membros integravam o próprio aparato estatal responsável pela concessão de sesmarias e lotes de terra (Fig. 2).

Os imigrantes de origem alemã que se estabeleceram na cidade de Pelotas a partir da década de 1840, em sua maioria, dedicaram-se a atividades vinculadas ao comércio e à indústria. Detentores de capital econômico considerável, constituíram uma pequena burguesia urbana que se articulou por meio de associações culturais e recreativas, nas quais mantinham vivas as tradições e valores de uma cultura étnica distintiva (Fonseca, 2007). Dessa maneira, os imigrantes alemães consolidaram sua presença na dinâmica econômica local por meio da ativa participação e do incentivo às atividades industriais e comerciais, ocupando posições de destaque nesses setores. Tal protagonismo contribuiu para a construção de uma imagem social favorável à sua assimilação cultural e à formação de uma classe burguesa emergente. Detentores de capital oriundo de

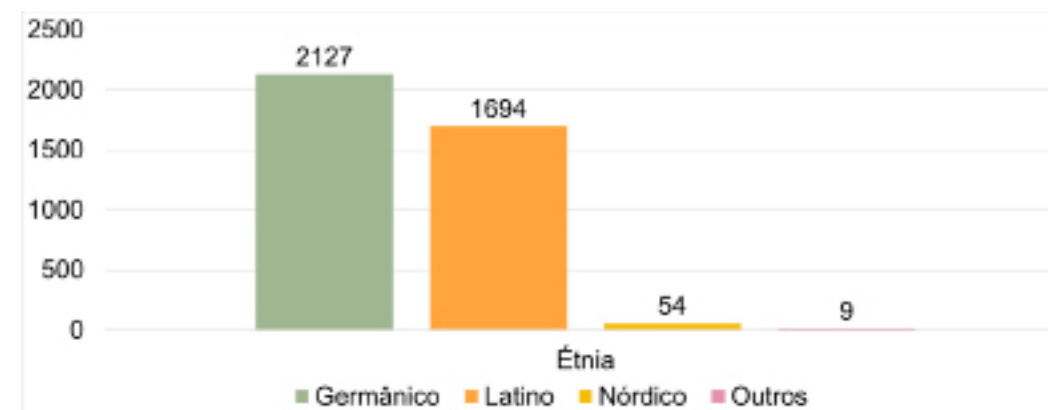


Figura 2 – Número de imigrantes por etnicidade (1857 - 1895). Fonte: Autora (2025) adaptado Betemps e Vieira (2008).

trajetória marcada pelo trabalho diligente e persistente, destacam-se, nesse contexto, dois importantes empresários da cidade de Pelotas: o alemão Frederico Carlos Lang e o teuto-brasileiro Carlos Ritter. Ambos iniciaram suas atividades empresariais em condições modestas. Lang foi inicialmente empregado na fábrica de sabão, colas e velas de Luiz Eggers, vindo posteriormente, em 1864, a adquirir o estabelecimento. Já Ritter fundou uma pequena cervejaria em 1872, que experimentou rápido crescimento, a ponto de, em 1911, representar cerca de metade da arrecadação da Mesa de Rendas do município (Anjos, 2000, p.97,101).

Ademais, no processo de industrialização da América Latina, a instalação de cervejarias esteve relacionada com os processos migratórios, em especial com a imigração alemã em vista do conhecimento de produção cervejeira. Destaca-se a importância da imigração alemã para o Brasil em virtude dos primeiros 31 anos de processos migratórios (1819 a 1850) em que este foi o grupo de maior expressão. Salienta-se que os alemães se localizaram principalmente no extremo-sul: Rio Grande do Sul. Salienta-se que a vinda dos imigrantes para o Brasil no século XIX se insere no amplo processo mundial de expansão do capitalismo. Além disso, sob o ponto de vista dos principais países europeus emigratórios aqueles que tardiamente se industrializaram foram os principais imigrantes brasileiros como é o caso da Alemanha e da Itália (Pesavento, 1985).

Cerveja no Brasil

A história da cerveja no Brasil está fortemente ligada aos processos de imigração europeia, especialmente dos imigrantes alemães. Neste contexto, a produção se tornou uma importante base econômica no país, envolvendo grandes quantias de capital que impulsionaram a expansão do mercado e a construção de um oligopólio no setor cervejeiro. As regiões Sudeste e Sul do Brasil se destacaram como polos produtores de cerveja, onde a concentração econômica era alta e existia grande concentração populacional no final do século XIX. O Rio Grande do Sul caracteriza-se como um dos pioneiros na produção de cerveja no Brasil, com quatro grandes áreas de produção emergentes: Vale dos Sinos, Vale do Caí expandindo-se para Porto Alegre e o município de Pelotas, localizado no extremo sul do estado. (Lourenço, Schumann e Duarte, 2021). Nesse sentido, pode-se constatar que a imigração alemã no Rio Grande do Sul se constitui como um dos principais marcos para a consolidação da produção industrial cervejeira no Brasil. De acordo com Köb (2000), a expertise técnica para a produção de cerveja já acompanhava os imigrantes alemães, mesmo antes do processo de industrialização. Na região sul do Brasil, onde esses imigrantes eram mais numerosos, era comum encontrar estabelecimentos comerciais que produziam e

vendiam cerveja no mesmo local, o que se tornava rentável por estarem distantes dos principais mercados cervejeiros do país na época.

Há indícios de que a cerveja teria chegado ao Brasil por volta de 1634 a 1654 durante a presença holandesa no nordeste da colônia portuguesa, pela Companhia das Índias Ocidentais. Após a saída dos holandeses em 1654, a bebida reapareceu apenas no final do século XVIII. Antes da abertura dos portos em 1808 pela família real portuguesa, a cerveja consumida no Brasil era contrabandeada e chegava pelos estados de Recife, Rio de Janeiro e Salvador. A partir dessa data, inúmeros comerciantes estrangeiros, principalmente da Inglaterra, começaram a trazer cerveja ao país, juntamente com outros produtos. A relação comercial entre Portugal e Inglaterra favoreceu esse processo, já que os ingleses eram os maiores cervejeiros da Europa naquela época. Até meados de 1870, as cervejas consumidas no Brasil eram provenientes de países como Inglaterra, Alemanha, Dinamarca e Holanda. Nessa época, a cerveja nacional começou a ser introduzida no mercado, apesar de apresentar qualidade inferior à importada, seu preço de venda era menor tornando-se atrativa ao consumidor local. As primeiras indústrias de cerveja nacional surgiram próximo à Proclamação da República, produzindo cervejas de alta fermentação, seguindo o mesmo processo das importadas. No entanto, a qualidade do produto nacional ainda era inferior, pois a fermentação continuava mesmo com a cerveja engarrafada, o que levou a prática de amarrar a rolha da garrafa com um fio de barbante, dando origem ao apelido de “cerveja barbante” (Santos, 2004; Sousa, 2021).

É importante destacar que o início da produção da cerveja no Brasil não pode ser datado com exatidão. No final dos anos vinte do século XIX, o militar alemão Carl Seidler³ encontrou no Rio Grande do Sul, imigrantes alemães estabelecidos na Colônia de São Leopoldo com conhecimento para fabricar cerveja (Santos, 2004).

[...] Estavam em vias de se estabelecer alguns cervejeiros, que certamente aqui hão de fazer bons negócios, pois a cerveja que é importada da Inglaterra e de Hamburgo é horivelmente cara, por causa do transporte e dos impostos constantemente crescentes. [...] (Seidler, 1951, p. 110).

No contexto nacional, destaca-se que a produção de cerveja passou por três períodos: a origem relacionada à imigração alemã no início do século XIX; a expansão da produção e a passagem do sistema artesanal/familiar para o sistema industrial no final do século XIX; e a decadência da produção com a entrada do capital oriundo da região Sudeste (Duarte, Lourenço e Fontana, 2020).

Em 27 de outubro de 1836 no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, tem-se o primeiro documento conhecido sobre a produção da cerveja no Brasil: um anúncio da Cervejaria Brasileira. Até 1850 tem-se notícias de algumas poucas cervejarias no Rio de Janeiro, São Paulo e em regiões de imigração alemã no Rio Grande do Sul. No final do século XIX, no Rio Grande do Sul, os imigrantes de origem alemã e italiana produziam cerveja e vinho respectivamente, os produtos eram consumidos pelos imigrantes e seu excedente era comercializado. Em vista da dificuldade de obtenção da matéria-prima

³ Carl Seidler, um militar alemão, participou ativamente na Guerra da Cisplatina em prol do Brasil. A imigração alemã para o Brasil, incentivada por D. Pedro I, atendeu a duas necessidades distintas do governo brasileiro. A primeira resultou na formação de colônias, com o propósito de povoar e desenvolver a regiões. A segunda teve como objetivo suprir a falta de soldados para as forças brasileiras na Guerra da Cisplatina. Dado que o Brasil não possuía um exército nacional, recorreu a mercenários alemães (Gonçalves, 2012). No livro *Dez anos no Brasil*, Carl Seidler descreve suas passagens por diversas localidades, incluindo: Passo do Rosário, Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre, Viamão, Triunfo, Cachoeira do Sul, Piratini, Jaguarão, Torres, Laguna, Florianópolis e Rio de Janeiro.

e do problema da fermentação em um país de clima tropical, as primeiras cervejarias industrializadas do país surgiram nas décadas de 1870 e 1880 (Santos, 2004).

Destaca-se que durante a segunda metade do século XIX surgiram pequenas cervejarias no Rio Grande do Sul, localizadas principalmente nos núcleos urbanos mais importantes, como Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande (Araújo, 2002). A chegada de imigrantes alemães ao estado gaúcho se configura como um dos marcos essenciais para o estabelecimento e consolidação da produção industrial de cerveja no Brasil (Duarte, Lourenço e Fontana, 2020). Com o crescimento do consumo de cerveja no estado gaúcho, houve uma mudança na produção industrial após 1850, movendo-se para áreas mais próximas do mercado consumidor. Dessa forma, além das cervejarias estabelecidas nas regiões de colonização alemã, surgiram as primeiras cervejarias na capital, Porto Alegre (Duarte et al., 2021). A cervejaria pioneira no Rio Grande do Sul foi a de Friederich Christoffel - em Porto Alegre - que em 1878 produzia mais de 1 milhão de garrafas por ano (Santos, 2004).

Paralelamente ao desenvolvimento da indústria cervejeira no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX, observamos a presença de fábricas em outros estados, como no Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina (Limberger e Espindola, 2019). Em 1880 instalaram-se no Rio de Janeiro as primeiras máquinas compressoras frigoríficas, que produziam gelo artificial propiciando um ambiente refrigerado, e, desta forma representando um grande avanço na indústria cervejeira do país. Data dessa época a fundação das duas cervejarias que viriam a dominar o mercado nacional, a Companhia Cervejaria Brahma do Rio de Janeiro e a Companhia Antártica Paulista. A partir de 1930 tanto a Companhia Antártica Paulista como a Cervejaria Brahma passaram a eliminar quase todos os seus concorrentes (Santos, 2004). O período entre 1890 e 1930 foi marcado pela intensificação da instalação da indústria cervejeira no Brasil, com a participação de empresários alemães, portugueses e brasileiros (Marques, 2014).

O consumo de cerveja cresceu proporcionalmente à mudança dos hábitos de sociabilidade dos moradores, motivada pela urbanização. Na cidade do Rio de Janeiro, em meados do ano de 1888, Joseph Villiger constituiu a firma Villiger & Cia., o nome comercial do negócio, cuja marca fantasia era Cervejaria Brahma. O ambiente econômico de finais da década de 1880 era favorável para a movimentação de capitais em torno do negócio cervejeiro. No estado do Rio Grande do Sul, foram vários os estabelecimentos fundados a partir de 1870. O início da produção de cerveja em grande escala na cidade de São Paulo foi marcado pela fundação da Companhia Antártica Paulista (Santos 2004).

Arefrigeração confiável e acessível foi fundamental para o impulso da indústria de cerveja. No setor cervejeiro havia, portanto, uma corrida por posições no mercado e observou-se que de maneira concomitante houve um movimento de aquisição de equipamentos de refrigeração, buscando ganhar posições na disputa pela dianteira tecnológica do mercado. A mudança do perfil tecnológico do setor cervejeiro é apresentada na Tabela 1, em que a maior parte das empresas fez os ajustes técnicos necessários para a conversão do sistema de fabricação de alta para o de baixa fermentação. Destaca-se que a amostra da Tabela não esgota o universo das cervejarias existentes às vésperas da Primeira Guerra Mundial (Marques, 2014).

Empresa	Valor da produção, contos	Data de constituição	Data da conversão tecnológica
Empresa	Valor da produção, contos de réis (1907)	Data de constituição	Data da conversão tecnológica
Antártica (SP)	2.700	1888	1891
Brahma (RJ)	6.000	1888	1896
Ritter & Irmão (Pelotas/RS)	800	1872	1899
Teutônia (RJ) (a)	360	1950	1898
Polônia (Viveiros & Cia.) (RJ)	250	-	-
Cerveja Paraense (PA)	2.350	-	-
Bopp (RS)	360	1881	1914
Bavária (SP)	-	1892	1898
Becker (RS) (b)	-	1879	-
Bohemia (RJ)	480	1888	1899
Babilônia (RJ) (c)	-	-	1899
Germânia (MG)	490	1864	1906
Cristhoffel (RS)	300	1873	-
Ritter & Filhos (Porto Alegre/RS)	600	1905	1905
Sassen (RS)	540	1889	-

(a) Incorporada à Brahma em 1904, ficava em Mendes (RJ).

(b) Incorporada à Bernhard Sassen em 1889.

(c) Incorporada à Brahma em 1899.

Em 1901, os dirigentes de algumas das maiores fábricas de cerveja do país se reuniram na capital paulista. Estavam presentes: de São Paulo, a Antártica e a Bavária (paulista); do Rio de Janeiro (capital federal e interior do estado) a Teutônia, a Brahma e a Bavária do Rio (está última já incorporada ao patrimônio da Brahma desde 1899). O propósito desse encontro era discutir a possibilidade de fusão dessas empresas em uma única entidade, que teria sede legal na cidade de São Paulo e uma duração prevista de 30 anos. Destaca-se a ausência de representantes do Sul do país, em especial de Carlos Ritter de Pelotas/Rio Grande do Sul, que se mostrou avesso a propostas de fusões ao longo de todo o tempo em que as grandes cervejarias ensaiaram formar uma única organização. O projeto previa a racionalização dos custos de produção, a redução dos custos de propaganda e a centralização administrativa, e, desta forma acabando com as guerras comerciais entre as empresas. Além disso, tinha por objetivo ampliar a presença das cervejas brasileiras no Norte do país, onde elas eram vendidas a preços muitas vezes superiores aos praticados no Centro-Sul, e a concorrência dos produtos ingleses e alemães era grande (Marques, 2014).

Em 1902 os dirigentes cervejeiros se reuniram novamente e selaram um acordo, a ideia de fusão foi substituída pelo acordo operacional, sob o nome de Federação das Cervejarias com a participação do mesmo grupo de empresas representado na reunião de 1901. A proposta da Federação versava sobre a manutenção da independência administrativa de cada fábrica, havendo, em contrapartida, a repartição dos lucros apurados trimestralmente, conforme quotas de participação. O projeto pode ser resumido em três linhas estruturais: a primeira buscava racionalizar a expansão da capacidade de produção das fábricas, a segunda previa a redução dos custos operacionais, e a terceira estabelecia preços combinados para os diferentes tipos de cerveja. A partir destas diretrizes, qualquer proposta de expansão deveria ser submetida ao exame dos participantes da Federação, em que o voto da Antártica teria maior peso em vista de possuir maior quota na Federação. Sob o viés da redução dos custos operacionais o mercado nacional seria repartido por zonas de distribuição, cabendo à Brahma distribuir pelo interior fluminense e mineiro e nas regiões servidas pela Estrada de Ferro Central do Brasil. A Antártica, caberia administrar, juntamente com a Bavária, um depósito central na cidade de São Paulo, de onde seria distribuída a cerveja para

o interior paulista. As demais regiões costeiras, do Sul ao Norte, seriam abastecidas por uma empresa de transportes terceirizada (Herm. Stoltz & Cia.) coordenados pelo escritório central da Federação das Cervejarias (Marques, 2014).

No início de 1914, já se observava uma tendência de queda nas vendas das cervejarias nos estados, indicando um cenário de desaceleração econômica em todo o país. Embora soubesse-se que a situação política na Europa era instável, era impossível prever qual posição o Brasil assumiria no jogo político internacional. Durante os anos da guerra, as cervejarias enfrentaram um aumento significativo nos custos operacionais, já que a matéria-prima importada se tornou mais cara. Ao mesmo tempo, todo o setor cervejeiro foi impactado pela diminuição do consumo em função da crise econômica do país (Marques, 2014). A partir de 1930, a Antártica e a Brahma iniciaram um processo de eliminação de quase todos os seus concorrentes, processo que na verdade já havia sido iniciado em 1904. Além disso, essas duas empresas mantinham sua posição dominante também em relação à importação de cervejas estrangeiras, graças às pressões, influências e poder que exerciam sobre as autoridades responsáveis pela política alfandegária (Santos, 2004). Destaca-se ainda a compra da Fábrica de Cerveja Bavária pela Companhia Antártica Paulista em 1904, determinando o desaparecimento da diversidade de estabelecimentos voltados a essa atividade na cidade de São Paulo (Rufinoni, 2004).

É importante destacar que as empresas Brahma e Antártica Paulista buscaram estabelecer presença no mercado do Rio Grande do Sul no período após a guerra. A indústria rio-grandense encontrou a solução por meio da fusão das três principais cervejarias de Porto Alegre - Bopp, Sassen e Ritter - em uma única empresa em 1924 denominada de Cervejaria Continental. A criação da Cervejaria Continental, como parte do processo de concentração em andamento, praticamente eliminou as condições de concorrência das outras cervejarias da capital e das áreas próximas (Pesavento, 1985).

A trajetória da cerveja no Brasil revela mais do que a simples evolução de uma bebida: trata-se da materialização de processos históricos amplos, que envolveram industrialização, imigração, modernização tecnológica e transformação dos hábitos urbanos. Inicialmente introduzida como produto importado, a cerveja passou a ser produzida localmente a partir da expertise técnica dos imigrantes alemães, que encontraram no sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, condições ideais para implantar suas fábricas. A industrialização cervejeira foi, assim, impulsionada por fatores como a chegada de equipamentos modernos de refrigeração, a concentração urbana e a estrutura comercial em consolidação, culminando em um setor dinâmico e competitivo. Entretanto, a crescente concentração de mercado e o apagamento das pequenas cervejarias regionais, como exemplificado pela formação da Cervejaria Continental e pelas fusões lideradas por Brahma e Antártica. Reconhecer a relevância cultural e patrimonial da indústria cervejeira — para além de seu valor econômico — é um passo fundamental para compreender sua contribuição na construção da identidade regional e preservar suas marcas na paisagem urbana e na história social do país.

A análise da industrialização cervejeira no Rio Grande do Sul revela que os fluxos migratórios europeus, especialmente os de origem alemã, foram decisivos não apenas para o desenvolvimento econômico do estado, mas também para a conformação de uma identidade produtiva e cultural profundamente enraizada. A expertise técnica trazida pelos imigrantes, associada à organização familiar das primeiras unidades produtivas, resultou em um modelo de indústria que soube articular tradição, inovação e adaptabilidade às condições locais. A inserção dessas fábricas em núcleos urbanos e coloniais impulsionou o surgimento de um setor cervejeiro competitivo e diversificado, que, por sua vez, alimentou redes de sociabilidade, consumo e transformação urbana. A consolidação da indústria cervejeira no Rio Grande do Sul, especialmente em

Pelotas, revela a profundidade das interações entre os fluxos migratórios europeus e os processos de industrialização regional. A imigração alemã, impulsionada por crises socioeconômicas na Europa e políticas colonizadoras no Brasil, introduziu saberes técnicos e práticas produtivas que foram fundamentais para o surgimento de núcleos industriais no sul do país. Em Pelotas, esses imigrantes encontraram um ambiente propício para empreender, articulando o conhecimento cervejeiro trazido da Europa à estrutura urbana e comercial de uma cidade que já ocupava posição estratégica na economia regional.

Urbanização e Industrialização: parque industrial de Pelotas/RS

Apesar das cidades brasileiras estarem presentes no território brasileiro desde os primórdios coloniais, foi somente com a evolução do processo de industrialização que os centros urbanos assumiram a importância sob o viés econômico e de moradia da maior parte da população. Por décadas, o processo envolvendo a industrialização e urbanização no Brasil teve maior concentração na região sudeste e na capital paulista, por conseguinte, o surgimento de novas fábricas e os investimentos públicos em infraestrutura atraíram cada vez mais a mão-de-obra migratória. Assim, o crescente mercado consumidor para os novos produtos industriais reforçou ainda mais a concentração espacial do desenvolvimento econômico nesta região (Emerique, 2014). Desta forma, em relação aos processos de industrialização e urbanização no Brasil é possível perceber que as regiões que historicamente mais se industrializaram foram aquelas que mais concentraram um grande contingente populacional. Destaca-se as regiões Sudeste e Sul como as maiores aglomerações urbanas do país.

A industrialização deve ser compreendida como um fenômeno urbano uma vez que é indissociável a localização das fábricas em torno dos conglomerados urbanos, em vista da proximidade de muitos trabalhadores e serviços de infraestrutura. Contudo, o inverso também é verdadeiro: muitas vezes a presença de uma fábrica induz a formação de conglomerados urbanos. O processo de industrialização se disseminou pelo mundo provocando transformações econômicas, sociais e culturais na sociedade. O novo modo de produção acarretou a divisão social e territorial do trabalho além do surgimento de novas necessidades para satisfazer as condições de sobrevivência no mundo capitalista. Ao mesmo tempo que a industrialização favoreceu a formação e expansão urbana, também foi uma exigência em vista das condições impostas como a concentração de renda e ascensão social da burguesia e dificuldade e pobreza para os trabalhadores (Galvan e Flávio, 2000).

No Brasil, a industrialização tornou-se mais efetiva a partir do século XIX através de transformações econômicas e sociais que acarretariam condições favoráveis para o desenvolvimento industrial e urbano. Desta forma, surgiram novas formas de viver, novos centros urbanos e novas cidades. Para compreendermos as razões as quais geraram o interesse no Estado do Rio Grande do Sul como um dos focos de desenvolvimento econômico e social a partir da industrialização, é fundamental abordar aspectos acerca dos ciclos econômicos brasileiros.

No que tange a relação causal entre industrialização e a urbanização e na história brasileira, a abolição da escravidão, a imigração, o crescimento do setor assalariado e, conseqüentemente, a expansão do mercado interno, representam um conjunto de fatores que influenciaram o processo de industrialização e urbanização no final do século XIX nas principais cidades do Brasil (Moraes, 2020). É importante destacar que antes do surgimento das primeiras fábricas, as cidades brasileiras no século XIX que se tornariam os principais centros industriais do país apresentavam um baixo grau de urbanização. Em meio às heranças do sistema colonial e à presença do escravismo,

essas cidades em sua maioria ainda pequenas e com uma fisionomia urbana bastante restrita. Desta forma, pode-se analisar a evolução urbana no caso do Rio Grande do Sul, destaca-se a cidade de Rio Grande que tem seu processo de urbanização acelerado em virtude do Porto como ponto estratégico no comércio do Sul com a região Rio-São Paulo. Portanto, o espaço urbano pré-existente surge como uma das condições favoráveis à formação e ao desenvolvimento das indústrias. No caso da cidade de São Paulo, a evolução urbana a partir de 1870 foi devido ao movimento do capital comercial e financeiro da economia cafeeira. Já as cidades do Rio de Janeiro e Salvador deviam sua rede urbana em boa parte à situação específica de capitais administrativas, na Colônia e no Império. A cidade, ao concentrar determinadas atividades econômicas, desenvolve uma base de serviços indispensáveis para a circulação e distribuição de mercadorias industriais, além de ser a base para o investimento em capital (dinheiro, matérias-primas e máquinas) na produção industrial. Além disso, as cidades enquanto conglomerados populacionais proporcionam tanto a mão-de-obra necessária para o trabalho quanto o mercado de consumo (Hardman e Leonardi, 1991).

Neste sentido, a indústria surgiu no Rio Grande do Sul a partir da segunda metade do século XIX a partir da produção artesanal das áreas de imigração do Estado e foi sendo melhorada com unidades nos centros urbanos maiores - Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas - ou as chamadas colônias centrais - Caxias do Sul, São Leopoldo. A imigração teve uma relação íntima com a industrialização do Estado do Rio Grande do Sul, foi das colônias que a maioria das matérias-primas e mão de obra foram provenientes. Como consequência da imigração-colonização, tem-se a criação do setor metal mecânico com empresas Berta, Gerdau, Becker, Uhr, Wallig e Eberle, além das cervejarias como Ritter, Bopp e Sassen (Miranda, 2003).

Dessa forma, destaca-se que a industrialização e a urbanização no Brasil configuram processos interdependentes, fortemente influenciados por fatores históricos, como a abolição da escravidão, a imigração e a expansão do mercado interno. As regiões Sudeste e Sul, em especial, destacaram-se como polos industriais em razão de sua base econômica consolidada e da atração de investimentos em infraestrutura. No caso do Rio Grande do Sul, a industrialização encontrou suporte tanto nas colônias de imigrantes, responsáveis pelo fornecimento de mão de obra e matérias-primas, quanto nos centros urbanos em expansão. Assim, a articulação entre a formação das cidades, o crescimento das atividades industriais e a modernização dos transportes, como a implantação das ferrovias, foi essencial para a consolidação dos espaços urbanos e industriais no Brasil ao longo dos séculos XIX e XX.

A indústria cervejeira destacou-se como uma atividade característica da comunidade teuto-brasileira, a qual introduziu no Brasil o hábito de consumo dessa bebida, trazido de sua terra de origem. Em seus primórdios, a produção era de natureza artesanal, realizada na zona colonial de São Leopoldo, onde a cevada era cultivada pelos próprios colonos, com sementes fornecidas pelo governo provincial. A elevação dos custos da cerveja importada impulsionou a ampliação da produção local, inicialmente voltada apenas ao consumo interno. Com o tempo, o processo produtivo foi aprimorado, resultando na transição do modelo manufatureiro para a estrutura industrial (Pesavento, 1983).

A cidade de Pelotas localiza-se na metade sul do Estado do Rio Grande do Sul. Foi fundada em 1815, e elevada à categoria de cidade em 1835. A cidade foi impulsionada pelo enriquecimento do período do charque, proporcionando investimentos dos grandes charqueadores em diversos setores da cidade, inclusive o da construção civil (Gutierrez, 2001; Magalhães, 1993). De acordo com Tomaz e Silveira (2020) no caso do município de Pelotas as dinâmicas de ocupação do território estão relacionadas diretamente às atividades econômicas e organizações sociais. Os processos da

formação e consolidação urbana de Pelotas ocorreram em três fases transcorrendo do modelo rural escravocrata para o modelo do capital industrial, entre o final do século XIX e início do século XX. A primeira fase de ocupação do território foi inteiramente rural, com a ocupação ibérica através da divisão de sesmarias e posteriores redivisões, orientada pela consolidação do sistema charqueador.

Ademais, no processo de formação do município de Pelotas é importante destacar a “colonização” através da inserção dos europeus na zona rural da cidade. A composição geográfica do município é fator preponderante para a imigração, destaca-se duas grandes paisagens naturais: a planície (ao sudeste) e a região serrana (a noroeste). De acordo com Anjos (2000) na primeira região localizaram-se as grandes propriedades dos estancieiros charqueadores e na segunda multiplicaram-se as pequenas propriedades, destinadas ao assentamento de imigrantes europeus. Através do Relatório da Intendência de 1922 foi possível observar que no ano de 1900 a cidade de Pelotas possuía 61 colônias. Através dos dados obtidos, fica evidenciado que a colonização dessa área foi realizada majoritariamente por capital particular uma vez que apenas 4 foram fundadas por órgão públicos: Colônia Municipal (1882), Colônias Accioli (1885), Affonso Pena (1885) e Maciel (1885). Além disso, das 61 colônias descritas foi possível identificar a origem dos habitantes em 20 colônias; destas 16 (80%) possuíam em sua composição o imigrante alemão. Algumas das colônias descritas foi possível identificar a distância em relação a área urbana da cidade. Desta forma, percebe-se que as colônias estavam localizadas a uma distância estratégica do centro urbano, obtendo acesso à zona urbana permitindo o abastecimento das colônias com insumos da cidade e, também a atividade mercantil baseada na venda dos excedentes agrícolas.

A cidade de Pelotas foi impulsionada pelo enriquecimento do período do charque, tendo início uma segunda fase de ocupação com uma dinâmica rural-urbana. A área urbana de Pelotas foi fundada com o nome de Freguesia de São Francisco de Paula, o plano de fundação ocorreu com o objetivo de regular a relação da Igreja com as famílias charqueadoras (Gutierrez, 2001, 2004). A fundação da Freguesia data de 1815, sendo elevado a condição de Vila em 1832, e em 1835 tornou-se Cidade (Goularte, 2014). A partir de 1860, a comercialização de escravizados começou a decair, e, desta maneira os investimentos dos charqueadores passam a ser aplicados de maneira mais proeminente em propriedades urbanas o que até então predominava em imóveis rurais (Gutierrez, 2001, 2004). Tem-se a construção do primeiro loteamento urbano com edificações afastadas das charqueadas, em vista, principalmente, dos odores desagradáveis da produção do charque (Magalhães, 1993).

As edificações residenciais, os edifícios institucionais e os espaços de uso coletivo construídos nesse período expressam de forma significativa a configuração socioeconômica vigente, fortemente orientada por valores e padrões culturais de matriz europeia. Tal influência manifestou-se não apenas nos modelos arquitetônicos e urbanísticos adotados, mas também na incorporação de equipamentos urbanos importados da Europa — a exemplo de determinados chafarizes instalados em praças públicas e do reservatório elevado em ferro fundido localizado na Praça Piratinino de Almeida. Este último, datado de 1875, constitui-se em relevante exemplar do patrimônio do período, tendo sido tombado pelo IPHAN em 1984, com registro no Livro do Tombo de Belas Artes (Goularte, 2014).

O setor urbano de Pelotas teve grande expansão entre 1860 e 1890, período em que ocorreram grandes mudanças tanto nas estruturas econômicas e sociais quanto na morfologia urbana. Neste período houve uma intensificação das atividades portuárias e a industrialização determinando a terceira fase de ocupação de Pelotas. De acordo Soares (2000), o processo de transformações no espaço urbano pelotense teve início após um surto de cólera ocorrido no ano de 1855. A disseminação da doença devido

às precárias condições sanitárias da atividade charqueadora, exigiu a implementação de obras de saneamento. Dentre os melhoramentos urbanos do final do século XIX têm-se: redes de abastecimento de água encanada e de iluminação pública (a gás), telégrafo, telefonia, a desobstrução do canal de São Gonçalo (ampliando a atividade portuária) e a instalação da linha férrea (Silveira e Ritter, 2015). O dinamismo econômico vivenciado na região promoveu significativas transformações na paisagem urbana, acompanhadas da adoção de padrões culturais associados à burguesia europeia. Entre as inovações implementadas, destacam-se as canalizações subterrâneas de água potável, que estabeleceram a conexão entre o reservatório elevado em ferro fundido — importado da Escócia — e quatro chafarizes produzidos por uma fundição francesa, estrategicamente instalados no centro da cidade entre os anos de 1873 e 1875.

Em paralelo as obras públicas de saneamento, instalaram-se fábricas na cidade o que acabou por contribuir para a migração da população para o centro urbano. Neste mesmo cenário, têm-se a abolição do sistema escravista. A cidade de Pelotas tornou-se um polo atrativo para as migrações internas e internacionais. Além de sua posição como centro regional e sua proximidade com a fronteira com o Uruguai, a presença do porto também foi um fator de atração de fluxos migratórios. No entanto, é no dinamismo da economia local e nas possibilidades de desenvolvimento urbano que poderíamos estabelecer as principais razões do fluxo migratório para o município na segunda metade do século XIX (Soares, 2001).

A cidade de Pelotas consolidou-se como um proeminente centro comercial, impulsionada, sobretudo, pelo estímulo à instalação de indústrias em seu perímetro urbano, prática incentivada no período imperial e preservada durante o período republicano. Esse dinamismo econômico propiciou significativas transformações urbanas, com investimentos em infraestrutura e modernização, que contribuíram para a atração de imigrantes estrangeiros em busca de oportunidades diversas. Nesse contexto, observa-se a expressiva presença de sócios estrangeiros nas estruturas industriais locais, especialmente nas décadas de 1870 e 1890. Dentre os ramos industriais em atividade, destacavam-se as fábricas de curtimento de couro, sabão e velas, chapéus, fumo e cerveja, refletindo a diversidade e o fortalecimento do setor fabril pelotense (Anjos, 2000, p.38).

As primeiras fábricas surgiram em Pelotas a partir da segunda metade do século XIX e se intensificaram na primeira metade do século XX. As fábricas primeiramente eram ligadas ao setor da pecuária, em vista das charqueadas - espaços de agroindústria que antecederam a industrialização no desenvolvimento socioeconômico pelotense - e ao cultivo do arroz que crescia fortemente naquela época. Essas fábricas se concentravam no espaço urbano localizado na região do Porto e na região da Estação Férrea em vista da facilidade de escoamento da produção (UFPel, 2021). Entre as fábricas instaladas neste período destacam-se: a Fábrica Lang, as cervejarias Ritter e Sul-Riograndense e a Fábrica de Fiação e Tecidos Pelotense. Outras fábricas foram instaladas para o aproveitamento da matéria-prima da produção do charque, como curtumes. A estrutura industrial contava também com indústrias menores, como as olarias, que complementavam o sistema de aplicação de riquezas em construções do perímetro urbano (Tomaz e Silveira, 2020).

Desde a década de 1840, com a atuação pioneira de Luiz Eggers na implantação de uma fábrica de sabão, colas e velas que obteve destaque em nível estadual, a cidade de Pelotas passou a atrair um número expressivo de imigrantes alemães e teuto-brasileiros, os quais se estabeleceram na região dedicando-se à atividade fabril e ao comércio. A posição geográfica estratégica de Pelotas, situada entre a capital da província e o porto marítimo de Rio Grande, foi um fator determinante para sua

consolidação como um relevante centro comercial. Adicionalmente, sua localização como ponto de passagem obrigatória nas rotas comerciais entre as lagoas dos Patos e Mirim ampliou as possibilidades de articulação com o mercado uruguaio, o que, segundo Fonseca (2007), contribuiu significativamente para atrair e fixar o contingente germânico na região.

No contexto urbano pelotense, destacaram-se diversas iniciativas industriais fundadas e administradas por indivíduos de origem alemã ou teuto-brasileira. Entre estas, podem ser mencionadas: a fábrica de velas e sabonetes de Frederico Carlos Lang; a fábrica de sabonetes de R. Neumann; a fábrica de chapéus de W. Wiener, Spanier e Rheingantz; as cervejarias de Carlos Ritter e de L. Härtel; a fábrica de cola de F. Müller; as fábricas de fumo de Jakob Klaes; a fábrica de couros envernizados de Guilherme Sieburger; e a fábrica de curtumes de Henrique João Hadler e Germano Feichert (Anjos, 2000).

Em 1887, foi fundado o Centro Agrícola-Industrial de Pelotas, com a finalidade de fomentar e articular as atividades comerciais, agrícolas e industriais da região. Entre os membros fundadores da entidade figuravam nomes de expressiva atuação no setor industrial local, como Carlos Ritter e Irmão, Frederico Carlos Lang, Guilherme Wiener, Jakob Klaes e Carlos Guilherme Rheingantz — este último proprietário da Companhia de Fiação de Tecidos de Rio Grande (Anjos, 2000, p. 91). Esses empresários representam a constituição de uma pequena burguesia de origem étnica, que emergiu em Pelotas ao longo da segunda metade do século XIX, contribuindo de forma significativa para a transformação econômica e sociocultural do município.

A industrialização e a urbanização no Brasil, particularmente no Rio Grande do Sul, são processos historicamente entrelaçados que contribuíram decisivamente para o surgimento e fortalecimento da indústria cervejeira no estado. A partir da segunda metade do século XIX, centros urbanos como Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande transformaram-se em polos industriais em função de fatores como a imigração europeia, o crescimento do mercado interno e a implantação das ferrovias. A presença de imigrantes, especialmente alemães, garantiu não apenas a expertise técnica e a mão de obra qualificada, mas também a formação de uma cultura produtiva que impulsionou o surgimento de pequenas fábricas — entre elas, cervejarias que se tornariam marcos econômicos e simbólicos nas cidades gaúchas. A formação desses núcleos urbanos industriais demonstra que o espaço urbano não apenas acolheu a indústria, mas foi por ela moldado. Nesse sentido, a valorização da indústria cervejeira como patrimônio cultural exige também o reconhecimento da cidade como espaço de memória da produção, onde a arquitetura fabril, os bairros operários e os antigos centros de distribuição constituem testemunhos vivos de um passado que articula trabalho, migração, técnica e identidade regional. A evolução urbana e industrial da cidade de Pelotas, especialmente entre o final do século XIX e o início do século XX, evidencia como o processo de industrialização foi profundamente condicionado por sua base econômica anterior e pelos fluxos migratórios europeus, sobretudo de origem alemã. Inserida em um contexto geográfico estratégico, próxima ao porto de Rio Grande e às rotas comerciais sul-americanas, Pelotas transformou-se em um polo urbano-industrial articulado tanto pela riqueza gerada pelas charqueadas quanto pelo dinamismo das pequenas propriedades coloniais. Nesse ambiente, consolidou-se um parque industrial diverso, no qual se destacaram fábricas de sabão, chapéus, curtumes e, notadamente, cervejarias como Ritter e Sul-Riograndense. Tais empreendimentos, liderados por imigrantes ou descendentes, introduziram modelos produtivos modernos e fortaleceram o elo entre urbanização e industrialização. Contudo, o reconhecimento desse patrimônio industrial — símbolo da transição da cidade para a modernidade — permanece limitado. Refletir sobre o parque industrial de Pelotas, portanto, é também reivindicar a valorização de um legado histórico que combina técnica, cultura, etnicidade e território, e cuja memória persiste na paisagem urbana e nas identidades locais.

Conclusão

A industrialização no Rio Grande do Sul esteve diretamente ligada às transformações econômicas e sociais globais, sendo impulsionada pela expansão ferroviária e pela necessidade de produção em larga escala. Esse processo resultou na criação de um significativo patrimônio industrial, marcado pela rápida substituição de processos produtivos e tecnológicos. A evolução industrial trouxe não apenas crescimento econômico, mas também desafios na preservação de estruturas e identidades produtivas que se transformaram ao longo do tempo. A chegada dos imigrantes europeus, especialmente alemães e italianos, foi determinante para o desenvolvimento industrial do estado. Esses imigrantes introduziram novas técnicas produtivas e impulsionaram a economia regional por meio da formação de colônias agrícolas e industriais. Esse movimento coincidiu com a transição econômica brasileira. Ademais, este período foi marcado pelo crescimento de pequenos negócios que, mais tarde, se transformaram em grandes indústrias.

Os setores industriais que mais se destacaram no Rio Grande do Sul foram inicialmente a produção do charque, que desempenhou um papel fundamental na economia do século XIX, seguida pelas indústrias têxtil, alimentícia e metalúrgica. Com o tempo, cidades como Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas tornaram-se centros industriais importantes, refletindo a diversificação econômica do estado e sua crescente integração ao mercado nacional. O crescimento industrial impulsionou também a urbanização do Rio Grande do Sul.

A imigração alemã teve uma influência direta na consolidação da indústria cervejeira gaúcha. Os imigrantes trouxeram conhecimentos técnicos avançados sobre a produção de cerveja, resultando no surgimento de diversas fábricas no estado. Essas cervejarias, inicialmente voltadas para o abastecimento local, expandiram-se gradualmente, conquistando espaço no mercado nacional e contribuindo para a formação de um setor econômico relevante.

O surgimento de fábricas e estabelecimentos industriais atraiu trabalhadores para os centros urbanos, acelerando a modernização das cidades. Esse processo reforçou a concentração populacional e contribuiu para o desenvolvimento de infraestrutura urbana, consolidando o estado do Rio Grande do Sul como um dos polos industriais do Brasil. Conclui-se que a valorização do patrimônio industrial é essencial para compreender as raízes econômicas e culturais do Rio Grande do Sul e garantir a preservação de sua identidade histórica.

Por fim, a evolução da indústria cervejeira no Brasil passou por um processo de fusões e aquisições, resultando na formação de um setor oligopolizado dominado por grandes empresas como Brahma e Antarctica. Esse fenômeno refletiu a tendência mais ampla de concentração industrial no país, reduzindo a diversidade de pequenas cervejarias e alterando a dinâmica do mercado. Assim, a relação entre industrialização, imigração e urbanização se mostra fundamental para compreender o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul e sua inserção no cenário produtivo nacional.

A industrialização cervejeira em Pelotas constitui um exemplo emblemático de como os fluxos migratórios, especialmente de imigrantes alemães, atuaram como vetores fundamentais no processo de modernização produtiva e urbana do Rio Grande do Sul. Inserida em um polo industrial diverso, onde coexistiam grandes fábricas tecnológicas e unidades artesanais voltadas para o mercado regional, a cidade de Pelotas incorporou o saber técnico trazido pelos imigrantes em empreendimentos como as cervejarias Ritter e Sul Rio-Grandense. Essas indústrias não apenas consolidaram a presença da cerveja como produto cultural e econômico de relevância, mas também contribuíram

para a reconfiguração do espaço urbano, ao lado de outras atividades ligadas à pecuária e ao beneficiamento de alimentos. Nesse sentido, refletir sobre a imigração e a indústria cervejira de Pelotas é reconhecer a cidade como um importante núcleo de inovação, memória e identidade produtiva, cuja herança material merece ser compreendida, valorizada e preservada como parte fundamental da história industrial brasileira.

Referências

ANJOS, Marcos Hallal Dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária – UFPEL, 2000.

ARAÚJO, Nilton Clóvis Machado de. Origens e evolução espacial da indústria de alimentos do Rio Grande do Sul. In: 1º Encontro de Economia Gaúcha, Porto Alegre: PUC/FACE, 2002. *Anais 1º Encontro de Economia Gaúcha, Porto Alegre*. PUC/FACE, 2002. Disponível em: http://cdn.fee.tche.br/eeg/1/mesa_10_araujo.pdf. Acessado em 18 dez. 2023.

ARAVANIS, Evangelia. A industrialização no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República: a organização da produção e as condições de trabalho (1889-1920). *Revista Mundos do Trabalho*, v. 2, n. 3, p. 148-180, jan.-jul.2010.

BETEMPS, Leandro Ramos.; VIEIRA, Margareth Acosta. Turismo pela História da Colonização no Sul do Rio Grande do Sul: O Caso das Colônias Francesa e Municipal de Pelotas/RS. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, v. 2, n. 2, p. 1-24, 2008.

BRITTO, Natalia Daniela Soares Sá. *Industrialização e Desindustrialização do Espaço Urbano na Cidade de Pelotas (RS)*. 2011. [s.n.]. Dissertação (Mestrado em Geografia,) – no Programa de Pós-graduação em Geografia, do Instituto de, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

COSTA, Ana Elísia. *A Evolução do Edifício Industrial em Caxias do Sul: De 1880 a 1950*. 2001. [s.n.]. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Imigração, Urbanização, Industrialização*. 1.ed. São Paulo: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1964. 385 p.

DOLHNIKOFF, Miriam. *História do Brasil Império*. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p.176.

DUARTE, Tiaraju Salini; LOURENÇO, William Martins e FONTANA, Guilherme. Origem, Ascensão e Decadência das Cervejarias no Estado do Rio Grande do Sul: Um Recorte Espaço-Temporal do Século XIX e XX. *Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia*, Rio Claro, v. 20, n. 1, p. 368-379, mar. 2020.

DUARTE, Tiaraju Salini; LOURENÇO, William Martins; FONTANA, Guilherme; SCHUMANN, Eduardo. A Produção (Micro)Cervejeira no Estado do Rio Grande do Sul: da Decadência Produtiva a Renovação do Setor. *Caminhos da Geografia*, Uberlândia, v. 21, n. 73, p. 173-190.

EMERIQUE, Lucas Possedente. *Dos Engenhos de Açúcar à Indústria Automobilística: o desenvolvimento e as transformações da indústria no município de Piracicaba –SP*. 2014. 203 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FERRARETTO, Maria Karina. *Sociedades nem tão anônimas: um estudo prosopográfico sobre a elite empresarial de Rio Grande (1884-1913)*. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

FETTER, Leila Maria Wulff. *A Colonização ocorrida na área Rural de Pelotas na 2ª metade do Século XIX*. Pelotas: UCPEL, 2002. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Social.

FONSECA, Maria Angela Peter da. *Estratégias para a preservação do germanismo (Deutschum): gênese e trajetória de um collegio teutobrasileiro urbano em Pelotas (1898-1942)*. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, 2007.

GALVAN, Claudia Terezinha Gagliotto; FLÁVIO, Luiz Carlos. Estudo bibliográfico sobre o processo de industrialização, a urbanização e o desenvolvimento da habitação no Brasil. *Revista Faz Ciência*, [S. l.], v. 9, n. 9, p. 127, 2000.

GONÇALVES, Roberta Teixeira. Viagem ao Brasil: as lembranças de Carl Seidler. In: XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-SP. Campinas, 2012. *Anais [...]* Rio Grande, 2012.

GONZÁLEZ, Ana María Sosa. Patrimônio Industrial: um legado para conhecer, reconhecer e preservar. In: MICHELON, Francisca Ferreira (org.). *O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas*. 1. ed. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. p. 71-84.

GOULARTE, Daniela Vieira. *Friches Industriais Pelotenses, Conhecer Para Preservar: O Caso da Laneira Brasileira S.A.*. 2014. 106 f. Monografia (Curso de Pós-Graduação Lato Sensu -) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto.; FELDENS, orge Augusto. *Imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos/Unisinos, 2008.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Ed. UFPel, 2001.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. *Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil das origens aos anos vinte*. São Paulo. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1991. 336 p.

KÖB, Edgar. Como a cerveja se tornou bebida brasileira: a história da indústria de cerveja no Brasil desde o início até 1930. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 161, n. 409, p. 29-58, 2000.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos de Restauro*. 2.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2018.

LOURENÇO, William Martins; SCHUMANN, Eduardo e DUARTE, Tiaraju Salini. A origem e decadência do polo produtivo de cerveja no município de Pelotas: um recorte espaço-temporal do século XIX e XX. *Anais do Seminário de Estudos Urbanos e Regionais*, 2019.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Ed. UFPel/Mundial, 1993.

MARQUES, Teresa. Cristina de Novaes. *A Cerveja e a Cidade do Rio de Janeiro: de 1888 ao início dos anos 1930*. Jundiaí: Paco Editorial; Brasília: EdUNB, 2014.

MIRANDA, Adriana Eckert. *A evolução do edifício industrial em Porto Alegre 1870 a 1950*. 2003. [s.n.]. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MORAES, Tiago Castaño. Patrimônio, indústria e cerveja: olhares sobre a antiga Cervejaria Antarctica em Joinville/SC, Brasil. In: *Cadernos do Arquivo Municipal* n. 13, p. 97-122, 2020.

MORAIS, Cleonice Terezinha Gonçalves de e SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Industriais Teuto-Brasileiros em Pelotas: Contribuições na Economia e na Cultura do Final do Século XIX e Início do XX. *XII Seminário de História da Arte*, n. 3, p. 1-17, 2013.

PAULETO, Ludmilla Sandim Tidei de Lima. *As oficinas mecânicas da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, Bauru – SP: por uma intervenção possível*. 2021. 626 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História da Indústria do Rio Grande do Sul*. Guaíba: RIOCELLL, 1985.

RUBIRA, Luís. *Almanaque do Bicentenário de Pelotas – volume 1*. 1 ed. Santa Maria: PRÓ-CULTURA-RS Gráfica e Editora Pallotti, 2012. p. 336

RÜCKERT, Fabiano Quadros. A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 5, n.10, 2013.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. Intervenções urbanas em sítios históricos industriais: o projeto urbano Ostiense Marconi. *PosFAUUSP*, [S. l.], v. 19, n. 32, p. 62-79, 2012. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v19i32p62-79. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/52455>. Acesso em: nov. 2022.

SALGADO, Ivone; SOUSA, Diógenes. A Companhia Antarctica Paulista em São Paulo: memória e patrimônio edificado. *arq.urb*, [S. l.], n. 19, p. 51–63, 2019.

SANTOS, Sérgio de Paula. *Os primórdios da cerveja no Brasil*. 2.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. 56 p.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1951. 320 p. Disponível em: <https://ia601607.us.archive.org/33/items/dezanosnobrasil00seiduoft/dezanosnobrasil00seiduoft.pdf>. Acesso em: out. 2022.

SILVEIRA, Aline Montagna da e RITTER, Carolina. A Preservação do Patrimônio da Industrialização em Pelotas: Reflexões Sobre a Construção da Casa de Máquinas da Companhia Hidráulica Pelotense. *Revista Memória em Rede*, v. 5, n.12, 2015.

SOUSA, Diógenes. *Cidade e Cerveja: um gole de história no processo de urbanização da cidade de São Paulo*. 1.ed. Santo André: EdUFABC, 2021. 106 p

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Burgueses Imigrantes” y Desarrollo Urbano en el Extremo Sur de Brasil. *Scripta Nova Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, v.94, n.78 2001.

TOMAZ, Lourenço Kallil e SIVEIRA, Aline Montagna da. Patrimônio Cultural Industrial e Desenvolvimento Urbano: Estudo Sobre o Caso do Complexo Lang, Pelotas/RS. In: 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil / 1º Simpósio Científico ICOMOS-LAC. Rio de Janeiro, 2020. *Anais [...]* Rio de Janeiro, 2020.